



FAZENDO A DIFERENÇA

FCSH-UniLurio

(E) ±958 878300759

Edicão N 13 -Ano:

Ilha de Mocambique Abril de 202

Director: Wilson Profírio Nicaquela

Editor: Faizal Ibramugy Abdul Raimo







OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLES, FRANCES
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ





FORTALEZA DE S. SEBASTIÃ(CECROI) FCSH

(3) 84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012

Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio

Numa altura em que o país vive conflitos em Cabo-Delgado

ILHÉUS CHAMADOS A REPLICAR OS MODOS DE VIDA E CONVIVÊNCIA INTER-RELIGIOSAS PARA PREVENIR A RADICALIZAÇÃO RELIGIOSA

- Consideram académicos e religiosos

rica história, caracterizada por uma diversidade cultural e religiosa e um vasto e valioso património arquitectónico fazem da ilha de Moçambique uma Cidade resiliente e livre de conflitos étnicos, religiosos e culturais, consideram líderes religiosos e académicos.

Falando num evento intitulado "Engajando Jovens no Dialogo e em Eventos Comunitários na Ilha de Moçambique", co-organizado pela organização local Alvorecer e o Conselho Autárquico da Cidade, líderes religiosos e académicos convidados para falar da diversidade inter-religiosa e seu papel na edificação da paz e desenvolvimento e resiliência cultural, deixaram claro que o facto de a Ilha de Moçambique ter sido um influente centro comercial e, durante mais de três séculos, a capital da presença colonial portuguesa na costa oriental africana, fez com que o seu povo seja resiliente a conflitos étnicos, religiosos e culturais.

Os líderes religiosos e os académicos dizem que urge necessário a ilha de Moçambique replicar os seus modos de vida e convivência inter-religiosa para prevenir a radicalização religiosa que se vive neste momento na província de Cabo-Delgado.

O Professor Doutor, Joshi Parth, padre da comunidade hindu em Moçambique, entrevistado à margem do evento em que apresentou o tema "Convivência Inter-religiosa e o seu papel na edificação da Paz e desenvolvimento na pespectiva Hinduísta", começou por partilhar a sua experiência pessoal para mostrar o quanto a convivência religiosa é vivida de forma harmoniosa na Ilha. "Quando chequei pela primeira vez na ilha há sensivelmente dois anos fui recebido pelo presidente municipal e as lideranças religiosas muçulmana e cristã, que organizaram uma reza para mim", começou, para depois explicar que esse gesto veio deixar em terra a teoria que "eu fui ensinado sobre a África. Antes de eu vir para Moçambique fizeram-me acreditar que a África era um continente muito perigoso em que havia muitos conflitos culturais e religiosos e muitos roubos", contou.

O professor Parth disse que dois anos depois da sua



Professor Doutor, Joshi Parth Padre da Comunidade Hindu

chegada, descobriu que tudo quanto se fala de África e de Moçambique fora é totalmente diferente. "A África é um continente pacífico, há muita hospitalidade, as pessoas entreajudam-se. Por exemplo, eu sou o único praticante da religião hindu que reside na ilha, sou bem acolhido pelas demais religiões. As pessoas na Ilha de Moçambique são extremamente unidas", disse. O professor diz que a convivência inter-religiosa na Ilha justifica-se por vários factos, um deles é o facto de ao longo da sua rica história a ilha ter recebido pessoas de diferentes religiões. Os ilhéus percebem que as religiões, apesar de diferentes, têm a mesma fonte. "O Hindu tem a mesma fonte e mesmo supremo. Mas mesmo assim, nalguns países, incluindo a índia, começam a apresentar conflitos. Na ilha isto está fora de questão". Na óptica daquele Professor, o que acontece na ilha

Cont. pág.03



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcifcsh@unilurio.ac.mz|+258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | Editor: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | Revisão: Nildo Eugenio Diogo |

Redação: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | Fotografias: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | Maquetização: Faizal Ibramugy

Abdul Raimo | **Distribuição**: Electrónica

tem uma interpretação directa no hinduísmo. "Na Educação hinduísta conta-se que um pai entrega ao seu filho um bambum para quebrar e ele consegue. Depois entrega dez bambus juntos e não consegue. A moral é que a união faz a força", disse explicando que "é isso o que acontece com a convivência religiosa na nossa ilha. As pessoas são muito unidas e juntos formam uma família".

O docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, MA. Germito Alexandre, que foi convidado no diálogo comunitário sobre "Engajando Jovens no Diálogo e em eventos comunitários na Ilha de Moçambique" para apresentar o tema "Convivência inter-religiosa e o seu papel na edificação da Paz e Desenvolvimento na respectiva cristã", começou por partilhar um conflito religioso vivido durante a sua infância, na sua terra natal, Cabo-Delgado. " A Minha mãe era muçulmana e meu pai cristão católico. Afamília da minha mãe percebeu que o meu pai era cristão. Eles (a família da minha mãe) consideravam que o islão é que era uma religião. Então, impuseram que o meu pai devia se converter ao islão para casar. Devido a vários conflitos entre as duas famílias, os meus pais resolveram casar pelo registo. Os meus avos maternos passaram a chamar-nos, a nós, os filhos desse casamento de Muanaharamos, qualquer coisa que filhos sem religião", contou.

O docente diz que viveu toda a sua infância dramatizado, mas "este drama terminou aqui na ilha de Moçambique. Aqui há convivência pacifica entre os cristãos e muçulmanos e existe muita harmonia. As pessoas não são radicais, comparativamente a Cabo-Delgado, onde passei a minha infância. No dia do ide os cristão festejam junto dos cristão e na páscoa, os muçulmanos também partilham o momento".

Germito Alexandre é da opinião de que a convivência e as boas relações

entre as religiões na ilha de Moçambique é que fizeram com que a Cidade fosse proclamada pela Unesco, Património Mundial da Humanidade. Por outro, porque os ilhéus percebem que "não existe religião que seja superior que a outra. Há respeito pelas crenças do outro. Quando há falecimento de muçulmanos aqui na Ilha, os cristão participam", disse, explicando que as boas formas de convivência são riquezas deixadas quer pelas pessoas que passaram pela ilha, quer pelos antepassados.

O sheik dr. Nagihe Mussa, professor de língua Árabe na Ilha de Moçambique, que apresentou o mesmo tema na perspectiva islâmica, disse que o Islão é uma religião que convoca os humanos à prática do bem e à caridade, "veda toda espécie de obscenidade, e lida com toda humanidade benevolentemente, isto porque todos são criaturas e servos de Deus – Exaltado seja quer queiram quer não e, os servos mais queridos por Deus são os que são mais úteis e rentáveis para com os outros, por isso mesmo, Deus – O Todo-Poderoso – ordenou os servos a dizerem às pessoas o melhor"

O professor anota que no que tange à boa convivência, o Islão não cria distinções entre muçulmano e não-muçulmano, seja politeísta, judeu, cristão, hindu, ou adepto do mazdeísmo adorador de fogo, até que "o Profeta Muhammad, refere que Deus tem compaixão dos misericordiosos, sejai então misericordiosos para com as criaturas que estão na terra que Aquele que está no céu (Deus) será Compassivo para convosco"

"O Islão não permite a seus seguidores, de forma alguma, maus tratos com os animais, muito menos com os humanos; o Profeta Muhammad – paz e bênçãos de Deus estejam com ele – viu um pássaro voando a tremular por medo, quando alguns





dos seus companheiros levaram seus dois (2) filhotes, dai o Profeta Muhammad – paz e bênçãos de Deus estejam com ele – perguntou: «quem levou os filhotes

deste pássaro, afligindo-o assim?! Devolvem os filhotes dele"

No que se refere à preservação da dignidade humana no islão na Ilha de Moçambique, o Professor Nagihe considera que na perspectiva islâmica, as pessoas são todas iguais como os dentes do pente, são filhos da mesma família humana... O Islão concedeu à toda humanidade o direito à vida e à honra, sem excepção e sem discriminação.

No entanto, o ser humano na perspectiva islâmica é honrado independentemente da sua origem, sua religião, sua doutrina, sua posição e valor na sociedade, Deus o criou honrado e ninguém pode lhe tirar a dignidade concedida e nisto, são iguais os que creem no alcorão como escritura celestial e creem no Muhammad como Mensageiro de Deus e Seu Profeta, e o não-muçulmano, adepto de outras religiões, e o ateu, pois, a dignidade humana é um direito público e conjunto que todos devem desfrutar sem excepção.



ESTUDANTES DA FCSH CONTRIBUEM PARA A RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS QUE APOQUENTAM A COMUNIDADE DA ILHA DE MOÇAMBIQUE

o âmbito da disciplina de Laboratório de Estudos de Sociedade, estudantes do segundo ano do Curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique estão a levar a cabo sete projectos de intervenção social ao nível da comunidade local. Esta é a terceira edição dos Projectos de Intervenção concebidos e implementados pelos estudantes do curso de DLRI na FCSH no âmbito das actividades de campo dos estudantes deste curso.

De entre os projectos, nesta edição, vamos falar de dois virados ao melhoramento do saneamento de alguns mercados da praça. O director Adjunto Pedagógico da FCSH, Jóssimo Calavete diz que "os projectos representam uma oportunidade de aprendizagem prática para os estudantes, mas também oportunidade para a FCSH contribuir para a melhoria dos indicadores de bem-estar nesta urbe". A fonte realça que estes projectos desempenham um papel muito importante na medida em que "permitem a aprendizagem prática dos nossos estudantes, bem como, contribuem para a resolução sustentável de alguns problemas que apoquentam a comunidade Local".

JUNTOS POR UM MERCADO LIMPO E SAUDÁVEL

Eugénia Amisse é a estudante responsável pelo "Projecto Juntos Por Um Mercado Limpo e Saudável". Este projecto visa a colocação de depósitos de lixo no mercado de Jembesse, parte continental da Ilha de Moçambique, onde os estudantes esperam desenvolver campanhas de limpeza e palestras de consciencialização junto dos vendedores e compradores em matérias de saúde pública e meio ambiente.

Segundo a responsável pelo projecto, o mercado de Jembesse "é um dos mercados mais movimentados da Ilha de Moçambique, e enfrenta actualmente problemas de gestão resíduos sólidos provocados pela insuficiência de baldes de lixo, incapacidade institucional na recolha do lixo e falta de consciência para a preservação do meio ambiente". A concepção deste projecto justifica-se pelo facto de contribuir para a conservação do meio ambiente, da saúde dos munícipes e do turismo local. Será importante ainda, para uma consciencialização profunda sobre a importância do envolvimento de todos na manutenção de um ambiente saudável e limpo, para além de ser um vector atractivo ao turismo dada a localização estratégica do próprio mercado na comercialização do peixe, entre outros produtos locais.

"A sustentabilidade deste projecto vai compreender a realização de várias acções de sensibilização e persuasão dos vendedores e compradores do mercado de Jembesse, para darem continuidade aos ensinamentos que vão adquirir ao decorrer deste projecto de intervenção social no que tange à conservação e preservação do meio ambiente em prol da saúde pública assim como no bom uso dos depósitos de lixo", disse. Para o sucesso da iniciativa, os estudantes contam com a parceria dos Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Acção Social para a disponibilização de técnicos ligados à área de saúde pública, com a Vereação de Saneamento e Meio Ambiente e da Polícia Municipal para que haja o maior envolvimento e



entendimento do grupo alvo nessas actividades, e para evitar eventuais riscos que possam decorrer ao longo da implementação do projecto.

ENPA YOWARA

Aurélio Muzuri Mussa é o estudante escolhido pelos seus colegas para chefiar o grupo que pretende colocar baldes de lixo no mercado de Ndalene, numa iniciativa intitulada "Enpa Yowara" (Casa Limpa).

O grupo entende que a cidade da Ilha de Moçambique, região insular, apresenta um grande potencial turístico pelo seu vasto mosaico cultural, arquitectónico e histórico. "Um dos alicerces para o cultivo deste potencial é a boa gestão dos resíduos sólidos, o que engloba recursos ou meios. Actualmente, é notável a falta de meios de conservação de lixo no mercado do Indalani", argumenta Aurélio Muzuri Mussa que considera a *insuficiência de baldes de lixo*, uma preocupação que afecta o mercado de Indalani, fazendo com que a gestão de resíduos sólidos não seja eficaz, colocando

06 Abril de 2021 Aniversariante

FELIZ ANIVERSÁRIO, COLEGAS

Joana Júnior

eliz aniversário, colegas! Aos aniversariantes do mês da mulher, a equipa de colabores da FCSH deseja muita saúde, paz e, acima de tudo,

profissionalismo e sucessos na carreira.

Foi uma óptima experiência trabalhar como Director Adjunto Pedagógico

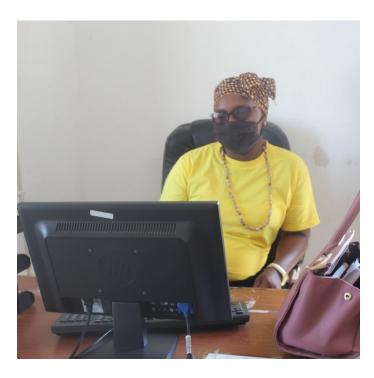
Vicente Domingos Dauce, de 34 anos de idade, nasceu a 01 de Abril de 1987 natural de Mafambisse, distrito de Dondo, Sofala. Ingressou ao corpo docente da FCSH em 2017 a quando da sua abertura e desempenhou as funções de Director Adjunto Pedagógico da FCSH. Atualmente encontra-se em Portugal a continuar com os estudos..

"Foi uma óptima experiência trabalhar como Director Adjunto Pedagógico, principalmente na fase de abertura da Faculdade e estou orgulhoso por aquilo que consegui em termos profissionais e pela contribuição que fiz para toda Faculdade. No que refere ao processo de ensino aprendizagem foi uma constante aprendizagem de processos que nunca tinha experimentado. O que mais me marcou foi a dinâmica e o compromisso que os docentes e estudantes tinham com a Faculdade. Como podem imaginar, no início de uma nova faculdade existem enormes desafios, e esses desafios fizeram-me crescer em termos profissionais e pessoais". A fonte diz que o ambiente de trabalho na FCSH é óptimo, "quero desejar muita

força e dedicação no trabalho que fazem, e que se foquem no essencial para vosso trabalho e a vossa vida. Esse foco irá ajudar a alavancar a imagem da Faculdade que já é notória desde a sua criação".



"O MEU MAIOR SONHO É CRESCER E GANHAR NOVAS EXPERIÊNCIAS"



Cristina Marcos Londo, de 34 anos de idade, nasceu aos 18 de Abril de 1987 no distrito de Memba, província de Nampula. Antes da FCSH, terá trabalhado no Conselho Municipal da Ilha de Moçambique, tendo passado a pertencer ao quadro de pessoal da FCSH a 13 de outubro do ano 2020 com a afetação ao Departamento de Biblioteca e Documentação.

"É um enorme prazer fazer parte da família FCSH, pois, o meu o maior sonho é crescer e ganhar novas experiências", disse, para depois explicar que no seu dia-a-dia tem estado a enfrentar algumas dificuldades, porém, não especifica. Segundo ela, "parto do princípio de que tudo o que é bom não é fácil de se atingir, e olho para isso como sinal de um futuro melhor".

"Avalio o ambiente de trabalho como sendo satisfatório, e sinto-me feliz por trabalhar com colegas que encontrei aqui na FCSH", disse e aconselha: " temos que ter o senso de humanismo, senso de escutar o outro, senso de percepção, e acima de tudo, muito profissionalismo".

"GOSTO DE OLHAR PARA A FORMA COMO COMEÇAMOS PARA EFECTIVAR A INSTALAÇÃO DA FCSH NA ILHA DE MOÇAMBIQUE"



Pilale Isequiel, com 34 anos de idade nasceu aos 07 de Abril de 1987 na Ilha de Moçambique. Actualmente ocupa o cargo de chefe de Departa-

mento de Economia, Gestão e Turismo e é igualmente, docente das disciplinas de: Gestão de Qualidade, Gastronomia e Enologia, Gestão de Alimentos e Bebidas no curso de Turismo e Hotelaria.

"Hoje gosto de olhar para forma como começamos para efectivar a instalação da FCSH na Ilha de Moçambique com o sonho de ressuscitar o brilho e a cultura intelectual que a Ilha perdera", diz o dr. Pilale, visivelmente satisfeito por fazer parte dos docentes da FCSH 2017.

"Marcou-me bastante o facto de fazer parte de formação integral de uma nova geração de profissionais na Ilha de Moçambique". O aniversariante avalia o ambiente de trabalho como bom, mas refere que "poderia ser melhor em termos de relações interpessoais, mas como se trata de pessoas, não faltam lacunas, o importante é que reconhecemos que somos funcionários públicos e estamos aqui para servir o povo Moçambicano". Por fim, deixou o seguinte conselho: "devemos reactivar o espírito colaborativo e de equipa, pois o talento individual ganha jogos e trabalho, e a equipa ganha campeonatos".

"É GRATIFICANTE QUANDO DESEMPENHAMOS AS FUNÇÕES COM AS QUAIS NOS IDENTIFICAMOS"

Amade Cefo Abudo, de 26 anos de idade, nasceu aos 14 de Abril de 1995 na cidade de Nampula. Ingressou na FCSH em 18 de Maio de 2017, e leciona as disciplinas relacionadas com Gestão Econômica e Turismo . Amade Cedo é igualmente assistente do director do Centre de Estudos Culturais e Religioso do Oceano Índico (CECROI).

"É gratificante desempenhar as funções com as quais nos identificamos, que para mim sempre foi ensinar. Desde os tempos em que era estudante sempre ajudei os meus colegas nas diversas matérias curriculares, usando essa habilidade ". "Uns dos momentos que mais me marcou como funcionário da FCSH foi aquando da criação do Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI). Eramos uma equipa muito jovem, com pouca experiência, e nos foi colocado nos ombros uma grande responsabilidade, um grande desafio, e assim começamos, primeiro com a estruturação. O Centro foi se erguendo, e hoje chegamos onde chegamos graças ao empenho e colaboração de

todos".

A fonte diz que existiram outros momentos marcantes, "me refiro das formações na aérea psico-pedagógica, momentos estes que nos têm sido proporcionados pela Faculdade para discutir sobre os diversos assuntos do Processo de Ensino e Aprendizagem. Tem sido um momento único e impactante, na medida em que vou aprendendo as habilidades como pedagogo, tudo isso é gratificante".

Segundo o aniversariante, a faculdade é constituída por uma equipa jovem, e o ambiente de trabalho é bastante flexível, "estou a lidar com colegas com dinâmica de empreender e mudar." E convida aos colaboradores da FCSH para que "convivamos no ambiente de paz, mais dedicação, mais entrega e que trabalhemos em prol de produção de conhecimento científico".



Abril de 2021

"O PATRIMÓNIO DA ILHA NÃO PERTENCE A ALGUÉM A NÃO SER A NÓS MESMOS DA ILHA"

- Considera, Amina Amade Cassimo, Presidente Executiva da APETUR



os anos 2000 e 2002, Amina Amade Cassimo esteve por detrás da realização do festival de Baluarte. Um festival de cultura que visava entre vários objectivos promover ligações entre a Ilha de Moçambique e as outras ilhas do Oceano Índico. Hoje, Presidente Executiva da Associação dos Pequenos Empresários de Hotelaria e Turismo (APETUR) é também responsável do Omuhipiti festival e da Feira de Gastronomia Tsotxiva. Chamada para uma entrevista no Omacuthi, Amina Amade Cassimo diz que a Ilha de Moçambique funciona em torno do turismo, e tudo o que os ilhéus podem fazer para continuarem no topo dos destinos turísticos do país é preservar o seu património. Ela entende que o Património da Ilha não pertence a alguém, a não ser aos ilhéus e por isso remata " Se valorizarmos este património, é a nós que dará benefícios".

Nesta entrevista conduzida por Faizal Raimo, a Presidente Executiva da APETUR, entre vários fala dos contornos que nortearam o Festival do Baluarte e dos traços culturais existentes nalgumas ilhas do índico, ela conta que a cultura macua está muito presente nas ilhas do índico. Particular-mente, destaca a Ilha de Mayotte como uma ilha com uma cultura similar dos Macuas e do povo da Ilha de Moçambique. No final da conversa, a nossa entrevistada fala da necessidade de manter as condições higiénicas da ilha como a condição fundamental para que continue a brilhar e atrair mais turistas.

OMacuthi (OM): Uma das actividades que mais notabilizou a sua figura como uma mulher forte da ilha foi a sua visão de fazer ligações entre a Ilha de Moçambique e as outras ilhas do oceano índico, através do famoso e inesquecível festival de Baluarte. Como surgiu essa iniciativa?

Amina Amade Cassimo (AAC): A iniciativa do Festival de Baluarte consistia em fazer uma ligação entre as ilhas do índico e a Ilha de Moçambique, reactivando uma ligação das origens que houve desde os primórdios da Ilha de Moçambique. Esta iniciativa visava promover a troca de experiências a nível cultural, entre os povos da Ilha de Moçambique e das outras ilhas do oceano índico. Com o coordenador do festival, Senhor Jeane de nacionalidade francesa, conversávamos sobre as práticas culturais do passado, nessa conversa fomos ver que até aos anos 80, eram realizados diversas actividades dentro da Fortaleza são Sebastião, com destaque para cinema, gastronomia e um pouco da actividade cultural e tradicional. A fortaleza transformase anualmente numa pequena cidade. Após esta conversa, pensamos em realizar o festival e criar uma notabilidade da ilha, foi desta forma que surge em 2000, o Festival de Baluarte. O primeiro festival convidamos a Ilha de Mayotte e no segundo festival, o convidado de honra foi as Ilhas Reunião.

OM: Quais foram os ganhos dessas duas edições do festival Baluarte?

AAC: Foi um festival muito bom ao nível local e para a notoriedade da Ilha de Moçambique ao nível internacional. Foi um dos principais festivais dentro da província de Nampula, onde se falou tanto da cultura, e toda a gente até hoje lembra-se com nostalgia do Festival de Baluarte, porque sem dúvidas foi um festival onde trabalhamos juntos com a comunidade nos bairros. Sempre que organizávamos, entrava muita gente e a comunidade da ilha para além de apresentar a sua cultura, a dança tradicional, a gastronomia também participava através



"Nós, na Ilha, temos o uso da capulana, as senhoras da ilha de Mayotte também têm a capulana como o seu principal veste"

do acolhimento dos visitantes e arrendando suas casas. Toda a gente da Ilha de Moçambique estava dentro desse festival.

OM: Quais eram as principais actividades do festival?

AAC: Era um festival muito diversificado com o objectivo de fazer uma grande abertura da ilha. Organizávamos conferências, literatura, dança tradicional, gastronomia e outras actividades ligadas à cultura e ao turismo da Ilha de Moçambique.

OM: Quais são os traços mais notórios ao longo das ilhas do índico?

AAC: Olha, entre as ilhas que participaram do festival de Baluarte, onde temos muito em comum é com a Ilha de Mayotte. A população nativa tem também a origem Macua. Nós, na Ilha, temos o uso da capulana, as senhoras da ilha de Mayotte também têm a capulana como o seu principal veste. Nós temos a tradição de Mussiro, elas também usam. Fizemos um workshop sobre os ritos de iniciação das mulheres e a preparação de uma noiva, e fomos ver que também são iguais. A nossa cultura e tradição têm traços iguais. Tivemos várias visitas das mulheres de Mayotte. Elas, não só vieram para o festival de Baluarte, como também para a francofonia.

OM: De um tempo para cá, a ilha deixou de realizar este festival. Quais foram as razões?

AAC: Realizaram-se duas edições do festival porque depois o coordenador mudou-se da província

de Nampula para França. Mas agora a Associação dos Pequenos Empresários de Hotelaria e Turismo (APETUR) foi realizando o festival *OMuhipiti* que é também um festival cultural com as mesmas características do Baluarte. A única coisa que nunca teve foi essa ligação com as outras ilhas do Oceano Índico. Estamos a tentar para o próximo festival *OMuhipitil* incluir esta componente de ligação com outros povos do Índico, se as coisas correrem bem, pois o país ainda vive com ameaças do novo Corona vírus. Já estamos em conversações com todos os actores do festival de Baluarte para estudar a melhor forma de dar a continuidade para que a gente não perca essas importantes ligações com o Índico.

OM: Como os jovens devem capitalizar essas experiências na organização de eventos iguais?

AAC: Olha, em todos os festivais, mesmo os realizados depois do Festival de Baluarte, temos contado com a participação de todos aqui na ilha. Para além de festivais, temos boa participação na Feira de Gastronomia Tsotxiva, que se realiza três vezes por ano. Devido a exiguidade financeira, ultimamente mudamos para duas vezes ao ano. E estes eventos têm movimentado muita gente da província, do país e do mundo.

OM: Qual é o prato forte do Omuhipite festival?

AAC: É mesmo um festival cultural que contempla espetáculos musicais, apresentação da dança tradicional, teatro, desfile de moda, desporto, conferências, literatura, bem como visitas guiadas aos principais locais turísticos da Ilha de Moçambique.

OM: A avaliar pelas potencialidades da ilha, acha que estes eventos expõem da devida forma a Ilha de Moçambique?

AAC: Sim, e penso que compensam porque estes eventos ajudam a mostrar o que a ilha tem de melhor da sua gastronomia e tradição. Os ilhéus por sua vez, sentem-se inseridos nesses eventos, porque são os actores principais. São eles que apresentam as actividades. Devo lhe dizer que os ilhéus gostam de mostrar a sua cultura e tradição.

OM: Tive a oportunidades de participar de uma reunião recentemente, onde a senhora fez um apelo para que a sociedade local faça algum trabalho para que os visitantes da ilha circulem livremente sem perturbação de crianças nas ruas. Há um trabalho que está a ser feito nesse sentido pela APETUR?

AAC: Nós tentamos conversar directamente com os jovens, porque não podemos actuar directamente sem o município e sem o governo distrital. Sempre pedimos a essas entidades para que façam a sua intervenção, evitando que as crianças perturbem o turista. Até agora sentimos que está a aumentar o número de crianças a circularem nas ruas atrás dos turistas. Eu vejo, por exemplo aqui na minha loja, quando entra um turista, é um monte de miúdos que fica fora.

OM: Na sua opinião, por que esta situação acontece?

AAC: Acontece porque elas têm algum benefício. Há turistas que oferecem dinheiro, sapatos, chapéus, camisetas, bola, caderno, etc... e isso virou um negócio das crianças na Ilha de Moçambique. Eles pedem, são dadas, mas meia volta, vendem e voltam a seguir um outro turista. Eu acho que o Conselho Autárquico e a Acção Social, devem criar um mecanismo onde pudessem ajudar estas crianças, porque isto não é bom, incomoda muito aos turistas. Alguns turistas acham isso como uma piada, outros não gostam, porque as crianças que circulam nas ruas da ilha atrás dos turistas, são muito chatas. Temos de perceber que se

um turista vem para ilha, precisa de relaxar com sossego.

OM: Vamos terminar a nossa conversa falando do património. A preservação do património afigura-se muito importante para a manutenção do turismo. Algum apelo quer lançar aos llhéus nesse sentido?

AAC: O Património da Ilha não pertence a alguém, a não ser a nós mesmos da Ilha. Se valorizarmos este património, é a nós que dará benefícios. A percepção de algumas pessoas na comunidade não é das melhores, estão a construir casas que não têm a ver com a tradição. Se nós fugimos aos padrões tradicionais, podemos perder o estatuto de património da humanidade e sairmos da lista da UNESCO.

Muita gente diz que não vê vantagens, mas há múltiplas vantagens que a ilha ganha sendo um património.. Deixando de ser Património Mundial da Humanidade, vamos perder o número de visitantes. A Ilha de Moçambique funciona em volta do turismo, basta ver os efeitos que a pandemia trouxe. Com a paralisação da actividade turística, a economia da Ilha parou. Tivemos muitos desempregados, o negócio de peixe, dos legumes, o pão, tudo parou. As pessoas devem perceber que isso está ligado com o facto de ter reduzido o número de visitantes neste período, devido ao fecho de bares, restaurantes e outras actividades similares viradas ao turismo.

Gostaria que toda a comunidade da Ilha de Moçambique estivesse ciente que é deixando as condições da ilha melhores e valorizando a nossa cultura que podemos ter mais turistas.



em risco a atractividade turística, como também minando a saúde pública dos moradores desta região.

"Escolhemos este projecto com base na relação do homem com o meio ambiente, que é uma das relações mais conflituosas actualmente em escala mundial", justificou o estudante. Neste projecto, os estudantes vão colocar baldes de lixo no mercado do Indalani na cidade da Ilha de Moçambique, vão igualmente promover campanhas de sensibilização sobre a gestão de resíduos sólidos no mercado do Indalani, e melhorar a gestão dos resíduos sólidos naquele mercado.Na próxima edição, iremos apresentar os outros 5 projectos de estudantes, no âmbito da disciplina de Laboratório de Estudos de Sociedade ministrada no 2º ano do Curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacional.